

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**CURSO DE LETRAS**

**RONISAULO LIMA DE OLIVEIRA**

**O INDÍGENA NA PERSPECTIVA DO JESUÍTA**  
***UMA ANÁLISE DA OBRA – “DIÁLOGO SOBRE A CONVERSÃO DO GENTIO”***

**BRASÍLIA, NOV/2018**

**RONISAULO LIMA DE OLIVEIRA**

**O INDÍGENA NA PERSPECTIVA DO JESUÍTA**  
***UMA ANÁLISE DA OBRA – “DIÁLOGO SOBRE A CONVERSÃO DO GENTIO”***

**Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado para obtenção da Licenciatura em Letras do Curso de Letras/Português da Universidade de Brasília, UnB.**

**Orientador: Prof. Dr. Pedro Mandagará Ribeiro**

**BRASÍLIA, NOV/2018**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus e à minha família pela presença constante e pelo apoio diário à minha vida.

Ao Prof. Dr. Pedro Mandagará Ribeiro, meu orientador e meu professor de Literatura Brasileira - Barroco e Arcadismo, disciplina de onde meu surgiu a inspiração para este trabalho de conclusão de curso.

*“Quando o português chegou  
Debaixo duma bruta chuva  
Vestiu o índio  
Que pena!  
Fosse uma manhã de sol  
O índio tinha despido  
O português.”*

**Oswald de Andrade**

## RESUMO

Este artigo baseia-se na obra *“Diálogo sobre a conversão do gentio”*, do padre Manoel da Nóbrega, jesuíta que chegou ao Brasil em 1549 na expedição de Tomé de Souza. Nela, o líder da primeira missão catequizadora enviada ao Brasil faz uso de um gênero específico em prosa denominado “diálogo”, onde 2 jesuítas manifestam suas opiniões sobre o trabalho de conversão dos gentios, mais especificamente os índios. No colóquio entre os dois interlocutores, o padre Manoel da Nóbrega expõe as dificuldades, dúvidas e desafios que os jesuítas enfrentavam no trabalho de evangelização do índio. Ao mesmo tempo, deixa transparecer, sob a ótica do colonizador, aspectos da história daquela época e da cultura da população indígena brasileira. Nosso trabalho se resume na análise da presente obra com o propósito de traçar um perfil do índio sob a perspectiva bíblico-teológica do jesuíta, identificando e explorando as metáforas, parábolas e textos bíblicos empregados no discurso, tanto para compreender a figura do nativo quanto para justificar a insistência dos catequizadores no trabalho de conversão do gentio, mesmo em face às dificuldades e incertezas que por eles enfrentadas.

**Palavras-chave:** Jesuíta. Índio. Colonizador. Português. Diálogo.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO: UM TRAJETO DO DESCOBRIMENTO À CHEGADA DOS JESUÍTAS NO BRASIL.....</b>	<b>07</b>
<b>2</b>	<b>DIÁLOGO SOBRE A CONVERSÃO DO GENTIO: UMA ANÁLISE DO GÊNERO.....</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>O ÍNDIO NO “DIÁLOGO SOBRE A CONVERSÃO DO GENTIO”.....</b>	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>22</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>25</b>

## O INDÍGENA NA PERSPECTIVA DO JESUÍTA

UMA ANÁLISE DA OBRA – “DIÁLOGO SOBRE A CONVERSÃO DO GENTIO”

### 1. INTRODUÇÃO: UM TRAJETO DO DESCOBRIMENTO À CHEGADA DOS JESUÍTAS NO BRASIL.

Quando os portugueses avistaram as terras brasileiras em 1500, constataram que havia habitantes por estes lados do Atlântico, cuja cultura era bastante diversa da européia. A descrição do nativo feita na *Carta de Pero Vaz de Caminha* demonstra o estranhamento provocado pelos indígenas no recém chegado colonizador. Ademais, na mesma *Carta*, apesar das diferenças gritantes, percebe-se que os primeiros contatos entre o português e o índio foram amistosos. Naquele momento inicial, nenhum dos lados sabia exatamente o que esperar do outro, muito menos os riscos que um representava para outro; conquanto, os portugueses tivessem os seus interesses expansionistas já definidos e deles não abririam mão facilmente.

Para levar a cabo tais interesses era importante o emprego de certas estratégias, a fim de submeter os nativos ao jugo de Portugal, impedindo-os de serem obstáculos ao desenvolvimento das políticas da metrópole. Uma das estratégias é explícita na *Carta*, o Rei precisava tomar providências para a evangelização e a conversão dessa gente extravagante, os índios, nos novos domínios da Coroa, para que de fato o império português se estabelecesse na recém descoberta Terra da Vera Cruz.

Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, por chegarem primeiro. Então lançamos fora os batéis e esquifes, e vieram logo todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor, onde falaram entre si. E o Capitão-mor mandou em terra no batel a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens. Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram... **Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos**, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença. **E portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa**

**fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga,** porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar. E pois Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa. **Portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da sua salvação.** E prazera a Deus que com pouco trabalho seja assim. (Caminha, p. 2, 12, grifo nosso)

Vemos, na parte grifada da citação acima, um otimismo do escritor quanto à conversão do índio, que visto de maneira retrospectiva se demonstrou exagerado. A aparente inocência do índio, sua simplicidade e sua falta de religião, fatores alistados como favorecedores de sua rápida conversão, na prática não se demonstraram tão eficazes frente à pregação dos padres e, conseqüentemente, a aceitação da fé católica de forma maciça conforme prevista na *Carta de Pero Vaz de Caminha* não se concretizou, o que é evidente tanto na obra em foco – *Diálogo sobre a Conversão do Gentio* – quanto em outras, principalmente de clérigos, nas quais aparecem as resistências e insucessos por eles enfrentados em seu labor missionário junto ao índio na época colonial do Brasil.

Todavia, deixando de lado a retrospectiva feita por nós, pois analisar o que foi é um exercício aparentemente mais fácil do que prever sem sombra de dúvidas o que será, e tentando olhar da perspectiva do português, em especial o jesuíta, que acabou de desembarcar em solo americano, não é difícil criar uma expectativa positiva sobre um empreendimento que se desejava alcançar. Era natural, naquela época, o Estado e a Igreja estarem tão unidos que se tornava inadmissível pensar que as conquistas portuguesas aconteceriam e se solidificariam sem a fé católica. Portanto, a porção da *Carta* que incentivava e previa a conversão do índio de maneira tão certa era parte indispensável do discurso teológico-político que visava transformar Portugal em um império ultramarino. A sugestão seria acatada pelo Rei e confiada, particularmente, aos padres jesuítas, que encararam o desafio de trabalhar pela conversão do gentio na terra ora descoberta.

A fim de assegurar a conquista do novo território era imprescindível para o governo português, naquele contexto, povoá-la de cristãos. Tal tarefa significava transformar todos os índios em fiéis católicos apostólicos romanos. Para tanto, a *Companhia de Jesus* foi encarregada da missão. A *Companhia* foi fundada em Paris no ano de 1534 como ordem religiosa por Inácio de Loyola (1491 – 1555) e seus companheiros: Simão Rodrigues, Francisco Xavier, Alfonso Salmerón, Diego Laynez, Pierre Favre, Claude Jay e Nicolas Bobadilla. Seus membros ficaram conhecidos como *jesuítas*. Em 27 de setembro de 1540, por



meio da bula *Regimini Militantis Ecclesiae*, o Papa Paulo III deu existência legal e institucional à *Companhia de Jesus*. O lema dos jesuítas é *Ad maiorem Dei Gloriam* (*Para a maior glória de Deus*).

Nessa subordinação voluntária ao Papa e aos superiores da Companhia, Loyola retoma o programa dos apóstolos, determinando que os infiéis – judeus, muçulmanos, luteranos, calvinistas, anglicanos, anabatistas etc. – são inimigos da Fé, que deve ser arrancada deles, se antes não tiverem sido destruídos pelo fogo e pelas armas. Quanto aos pagãos ou gentios – índios da América, negros africanos, brâmanes e budistas da Índia, xintoístas japoneses, confucionistas chineses – são infelizes condenados ao Inferno, se a verdadeira Fé não lhes for comunicada. (Hansen, 2010, p. 67)

É importante considerarmos que o surgimento da *Companhia* se deu exatamente quando a Igreja Católica Apostólica Romana combatia a Reforma Protestante por meio da chamada Contrarreforma. Neste contexto e como parte integrante do contra ataque católico às crenças protestantes, que se difundiam rapidamente pela Europa e significavam uma ameaça aos novos domínios do reino católico de Portugal, surgiram os jesuítas como militantes dispostos, até à morte, a propagarem a fé e tradições católicas em todos os lugares para onde fossem enviados, sendo que um deles era exatamente a nova colônia portuguesa, o Brasil. Entre os primeiros integrantes da *Companhia de Jesus* enviados para as terras brasileira, destacou-se o Pe. Manoel da Nóbrega.

O Pe. Manuel da Nóbrega nasceu em Braga, Portugal, em 17 de outubro de 1517. Depois de concluir seus estudos iniciais em Coimbra, bacharelou-se duas vezes; primeiramente em Filosofia, pela Universidade de Salamanca, depois, em Cânones, em 14 de junho de 1541, pela Universidade de Coimbra. Em 21 de novembro de 1544, com 27 anos de idade, entrou para a *Companhia de Jesus*.

No ano de 1549, com o fracasso da política de colonização por meio das Capitânicas Hereditárias, o rei D. João III enviou ao Brasil o seu primeiro governador geral, Tomé de Sousa, com a responsabilidade de fundar uma cidade fortificada na Bahia para ser a sede do Governo Geral do Estado do Brasil. Naquela expedição vieram cinco religiosos da *Companhia de Jesus*, chefiados pelo Pe. Manuel da Nóbrega, com a missão de converter a gente da terra à santa fé católica. A frota portuguesa, sob o comando de Tomé de Sousa, partiu do porto de Lisboa em 1 de fevereiro de 1549 e chegou ao arraial do Pereira, Vila Velha, Bahia, em 29 de março de 1549. E foi lá que o Pe. Manuel da Nóbrega iniciou o seu

trabalho entre os índios brasileiros aos 31 anos de idade, providenciando a construção da capela e do colégio, enquanto traçava a política dos primeiros aldeamentos indígenas.

Entre março de 1549 e outubro de 1570, o Padre Manuel da Nóbrega foi chefe, provincial e superior, da missão da Companhia de Jesus enviada para o Estado do Brasil pelo rei português Dom João III. Desenvolvendo o programa de “catequese e escola” que põe o Estado do Brasil sob a jurisdição imediata da Coroa, a missão funda colégios de ler e escrever, abre seminários para as vocações religiosas, ensina ofícios mecânicos a jovens índios, mamelucos e brancos. Ainda reduz ao catolicismo populações indígenas das capitanias do Nordeste, Pernambuco, Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, e do Sudeste, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente. (Hansen, 2010, p. 11)

Recordando as palavras de Pero Vaz de Caminha na *Carta* dirigida ao Rei, onde informava-lhe sobre o achado da nova terra; palavras reproduzidas no princípio deste artigo, observamos a existência de uma expectativa bastante otimista quanto à conversão do índio: “...seriam logo cristãos...’ ‘...se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé...’ ‘...E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar...’ ‘...E prazerá a Deus que com pouco trabalho seja assim” (Caminha, p. 2, 12). Esta esperança, mui certamente, estava com o Pe. Manuel da Nóbrega e os demais. Havia um entusiasmo no início da missão, pois os jesuítas criam que as diversas tribos receberiam de bom grado a catequese e submeter-se-iam totalmente à mesma fé dos padres, passando a exhibir uma vida catolicamente virtuosa. Todavia, “o entusiasmo era equivocado, pois os índios resistiam e o suposto bom exemplo português era, muito objetivamente, o extermínio, a escravidão e a classificação deles como 'sujos de sangue', 'inferiores por natureza', 'escravos por natureza', 'selvagens', 'bárbaros' e 'animais’” (Hansen, 2010, p. 25). Em carta enviada ao Pe. Mestre Simão Rodrigues, Provincial da *Companhia de Jesus* em Portugal, Nóbrega dá conta dessas práticas citadas por Hansen que denigrem a imagem do cristão e desqualificam o "bom exemplo" português:

...e é desta maneira que fazem (os cristãos) pazes com os negros para lhe trazerem a vender o que têm, e por engano enchem os navios deles, e fogem com eles; e alguns dizem que o podem fazer por os negros terem já feito mal aos cristãos. (...) De maravilha se achará cá terra, onde os cristãos não fossem causa de guerra e dissensão, e tanto que nesta Bahia, que é tido por um gentio dos piores de todos, se levantou a guerra contra os cristãos. Porque um padre, por lhe um principal destes negros não dar o que lhe pedia, lhe lançou a morte, no que tanto imaginou que

morreu, e mandou ao filho que o vingasse. De maneira que os primeiros escândalos são por causa dos cristãos; e certo que, deixando os maus costumes que eram de seus avós, em muitas coisas fazem vantagem aos cristãos, porque melhor moralmente vivem e guardam a lei da natureza. Alguns destes escravos me parece que seria bom juntá-los e torná-los a sua terra, e ficar cá um dos nossos para os ensinar... (Hansen, 2010, p. 25)

Percebemos pelas palavras do Pe. Manuel da Nóbrega que o trabalho de catequese, desenvolvido por ele e seus associados, enfrentou não somente os obstáculos impostos pelo índio devido à sua inconstância, mas também pelo próprio colonizador português que, pelo tratamento maldoso dispensado ao indígena, impunha dificuldades à ação evangelizadora dos jesuítas entre os nativos. Isto, por vezes, gerava desentendimentos e atritos entre os padres, que defendiam os índios, e os colonos.

Mesmos em meio às agruras da missão, os jesuítas comandados por Nóbrega persistiram em cumprir os que lhes fora confiado pela Igreja e pelo Monarca Português. Parte do que fizeram e passaram foi registrada em escritos do próprio Pe. Manuel da Nóbrega, entre os quais se encontra o *Diálogo sobre a Conversão do Gentio*, base de nossa pesquisa e análise. Segundo Hansen, Manuel da Nóbrega foi “um homem de grande coragem e admirável determinação na condução do projeto de 'catequese e escola' que afirmou a humanidade dos índios” (Hansen, 2010, p. 17). Morreu no Rio de Janeiro no dia de seu aniversário, 17 de outubro de 1570, quando completava 53 anos de idade, depois de uma vida de obediência a seus superiores hierárquicos, o rei de Portugal e o geral da *Companhia de Jesus*.

## **2. DIÁLOGO SOBRE A CONVERSÃO DO GENTIO: UMA ANÁLISE DO GÊNERO**

O *Diálogo sobre a Conversão do Gentio* foi escrito pelo Pe. Manuel da Nóbrega entre os anos de 1556 e 1557 no lugar onde hoje se encontra a cidade de São Paulo. Depois de seis anos de trabalho entre os nativos, Nóbrega se utilizou de um gênero específico em prosa denominado *diálogo*, onde dois jesuítas manifestavam suas opiniões sobre o trabalho de conversão dos gentios, mais especificamente os índios. No colóquio entre os dois interlocutores, o autor expõe as dificuldades, dúvidas e desafios que os jesuítas enfrentavam no trabalho de evangelização do índio. Ao mesmo tempo, deixa transparecer, sob a ótica do colonizador, aspectos da história daquela época e da cultura da população indígena brasileira.

A referida obra, segundo Hansen, está incluída nas histórias literárias brasileiras, onde é classificada como *literatura de informação*. Não seria conveniente classificá-la como *literatura* nem *manifestação literária*, de acordo com as especificidades do conceito produzidas no século XVIII.

Deve-se evitar o uso anacrônico do conceito de *literatura*, que data da segunda metade do século XVIII, para classificá-los. Em seu tempo, nenhum deles tem finalidade “literária” ou “estética”, pois então não existe a instituição literária como foi constituída nas sociedades burguesas da Europa no final do século XVIII e no século XIX. São textos instrumentais ou utilitários produzidos em meios materiais e com categorias e conceitos doutrinários, procedimentos técnicos, finalidades e usos didáticos, catequéticos e devocionais. ...também não são *manifestações literárias*, como se costuma dizer, ou documentos marcados pela ausência da presença do “nacional” que caracteriza a instituição literária brasileira dos séculos XIX, XX e XXI. Não devem ser lidos como “manifestação” prefiguradora do que quer que seja, mas segundo sua especificidade histórica e os vários usos que tiveram desde o momento em que foram publicados como manuscritos e textos impressos. (Hansen, 2010, p. 64)

Para uma melhor compreensão do texto do Pe. Manuel da Nóbrega faz-se necessário uma pequena análise do gênero por ele empregado na construção de sua obra. Hansen diz que “o diálogo é um gênero dialético” (Hansen, 2010, p. 126), indicado pela própria etimologia do termo em português formado pela junção de outros dois de origem grega: *diá* + *logos*, que numa tradução livre significa *através da razão ou através da linguagem*.

No *diálogo* uma polêmica é debatida entre dois ou mais interlocutores, onde o exercício dialético é evidenciado a partir das opiniões divergentes manifestadas pelos debatedores a respeito do tema em foco. O *diálogo* se dá através de uma conversação que imita a fala, isto ocorre por meio de breves discursos, respostas e contradiscursos, sendo que em certos momentos são admitidas exposições mais longas com o intuito de argumentar de forma mais substancial a questão em debate. Quanto à maneira como o *diálogo* se articula, observemos as palavras de Hansen:

Retoricamente, o diálogo costuma ter três articulações: 1. *Ataque/acusação*: chamados de *prima pars*, primeira parte, e defesa, *secunda pars*, segunda parte. No caso, cada debatedor apresenta seu ponto de vista sobre a questão tratada, opondo-o à tese contrária do interlocutor que, por sua vez, responde.

2. *Correspondência recíproca das partes.* Cada debatedor deve, necessariamente, falar algo que corresponda à causa debatida, o que faz segundo três modalidades: a) aceita a validade do que o interlocutor diz, do tipo “concedo”; b) nega o que o outro afirma, como contradiscurso do tipo “nego”; c) aceita parcialmente o que o interlocutor diz, em enunciados do tipo “aceito isso, mas distingo ou nego aquilo”. 3. *Persuasão do interlocutor com as provas da justeza do próprio ponto de vista.* Costuma ocorrer no final, depois que um dos debatedores acumulou diversas provas parciais que validam e demonstram a sua tese. (Hansen, 2010, p. 126)

É de acordo com estas articulações que o *Diálogo sobre a Conversão do Gentio* se desenvolverá através das falas de seus interlocutores; Gonçalo Alvarez que faz o ataque/acusação, dizendo que o índio não pode se converter devido à sua alma inconstante, e Matheus Nogueira, que apesar de concordar com a inconstância do nativo como fator desmotivante ao labor do evangelizador, admitindo o quanto é árduo o trabalho de evangelização pretendido pelo jesuíta diante dos pífios resultados contemplados, ainda assim, faz a defesa da necessidade de se persistir no resgate da alma indígena para a fé cristã, contrapondo-se ao pessimismo do primeiro interlocutor. Portanto é em torno deste embate que se desenrola a obra e é o que veremos nos tópicos seguintes, onde ficarão mais claras as articulações presentes no *Diálogo* elencadas na citação acima.

### 3. O ÍNDIO NO “DIÁLOGO SOBRE A CONVERSÃO DO GENTIO”

Após os contatos iniciais do colonizador com as populações indígenas do Brasil e a partir dos registros que foram feitos, aos quais temos acesso, percebemos o uso da designação *índio* para classificar genericamente o nativo da terra das diversas tribos existentes por aqui àquela época. Não demora muito, é associado ao índio, para defini-lo negativamente, outros termos, que podemos entender como metáforas ou estereótipos, tais como: selvagem, bárbaro, animal, bestial, gentio, negro, etc.

Quando a escrita classifica o novo objeto com as metáforas “gentio”, “índio”, “negro”, “negro da terra”, “selvagem”, “bárbaro”, “animal”, “cão”, “perro”, “porco”, também se classifica a si mesma positivamente como universalidade civilizada. (Hansen, 2010, p. 92)

Segundo Fernando Torres-Londoño, professor dos Programas de História e Ciências da Religião da PUC-SP, em seu artigo – *O Índio como Selvagem, “O Diálogo da Conversão dos Gentios” e a Memória*, podemos acrescentar que “tal capacidade discursiva para dar conta do outro, defini-lo, enquadrá-lo no projeto colonial e traçar seu destino, que começou com os comentários de Colombo sobre os índios no seu diário e depois continuou com inúmeras crônicas e textos, teria, entre outros resultados, produzido como anota Adolfo Hansen” (Torres-Londoño, 2000, p. 273):

...uma essência, “o índio”, que definem como alma selvagem ou animal sem alma naturalmente subordinado às instituições. Quando classificam o novo objeto com as metáforas “animal”, gentio, selvagem e bárbaro, também evidenciam a positividade prescriptiva da universalidade de “não índio”, ou seja, o civilizado, branco católico, de preferência fidalgo e letrado. (Hansen, 1998, p. 351)

Portanto, comecemos a observar o índio a partir das metáforas e/ou estereótipos com os quais são classificados pelos jesuítas. Em seu livro, *A Sátira e o Engenho*, no capítulo 5, *Os Lugares do Lugar*, João Adolfo Hansen diz que o *topos* “*Nação*”:

...funde características raciais e religiosas..., sendo um deles o da classificação teológico-jurídica ibérica de povos e indivíduos como “gentios” e “hereges”, aos quais se opõe “católico”. Em tempos contra-reformistas, protestantes e judeus são evidentemente hereges, pois a sátira é católica. Da mesma maneira, encenando a posição colonialista da conquista ibérica, índios bravos e semicatequisados, bem como negros boçais, são gentios. (Hansen, 1989, p.314)

Embora, na citação acima, Hansen esteja falando de tais classificações dentro do gênero *Sátira*, elas também se aplicam a outros gêneros, entre os quais encontra-se o *Diálogo*. E no texto do *Diálogo sobre a Conversão do Gentio*, o índio é marcado principalmente pelos termos: *gentio e negro*, além de *bestial*. *Gentio*, no contexto bíblico, era a palavra empregada pelo judeu para referir-se a todos os outros povos que não fossem judeus. Com o advento do cristianismo o vocábulo foi apropriado pela cristandade para um uso semelhante, referindo-se a todos aqueles que não fossem cristãos. Desta forma, na visão católica de mundo, só existia dois tipos de pessoas: o católico e o gentio, sendo que este deveria, de forma voluntária ou pela força, se converter ao catolicismo. *Negro* era termo corrente nas cartas e outros escritos do período colonial brasileiro para nomear o africano, mas também o índio, e colocá-los em oposição ao branco; “o uso decorre do pensamento escolástico que constitui índios e africanos

analogicamente por meio de uma mesma classe, “gentio”, ou herdeiros do pecado de Cam” (Hansen, 2010, p. 124). *Bestial* evocava a natureza selvagem do índio, evidenciada, principalmente, pela antropofagia tão combatida pelos padres. Já na primeira fala do *Diálogo* vemos Gonçalo Alvarez fazendo menção a isso – “...são tão bestiais, ...estão tão encarniçados em matar e comer...” (Hansen, 2010, p. 144), e outras referências similares aparecerão no transcurso do *Diálogo*, que apontarão para esta *bestialidade* do índio.

O índio visto pejorativamente através dos termos descritos acima indis põe o catequizador, que busca respostas em suas próprias convicções religiosas a fim de compreender as razões da natureza selvagem do indígena e, ao mesmo tempo, motivações para persistir em sua missão evangelizadora diante da inconstância da alma selvagem.

A composição do *Diálogo sobre a Conversão do Gentio* é feita não muito depois da morte do bispo Sardinha pelos Caetés, num tempo de desânimo enfrentado pelos jesuítas causado pelas dúvidas quanto à real conversão dos índios. Nóbrega escreve sua obra imaginando uma conversa entre dois padres que, historicamente, existiram. Isto fica claro no exórdio.

Porque me dá o tempo lugar pera me alargar, quero falar com meus Irmãos o que meu spirito sente, e tomarei por interlocutores ao meu Irmão Gonçalo Alvarez, a quem Deus deu graça e talento pera ser trombeta de sua palavra na Capitania do Spiritu Sancto, e com meu Irmão Matheus Nuguera, ferreiro de Jesu Christo, o qual, posto que com palavra nam prega, fá-lo com obras e com marteladas. (Hansen, 2010, p. 143)

Os dois padres representavam dois tipos jesuíticos: o padre letrado, simbolizado pelo irmão Gonçalo Alvarez, e o não letrado, figurado pelo irmão Matheus Nugueira. Simbolizavam, também, dois modos de agir na catequese: Alvarez, mais voltado para o trabalho com as palavras por meio da pregação e ensino da Palavra de Deus; e Nugueira, voltado para o trabalho com as obras, tentando persuadir por meio do exemplo e das boas ações.

O *Diálogo* começa com a chegada do irmão Gonçalo Alvarez com a seguinte descrição: “emtra logo ho irmão Gonçalo Alvarez, tentado dos negros do Gato e de todos os outros e, meio desesperado de sua conversão, diga:” (Hansen, 2010, p. 143). Como vimos anteriormente, negro é um termo empregado por Nóbrega e outros autores para referir-se ao índio. “Os negros do Gato são os índios de Maracajaguaçu, o Gato Grande, chefe da Ilha do Governador, que, nesse momento, se acham no Espírito Santo” (Hansen, 2010, p. 127).

Gonçalo demonstrava certo desespero pela conversão deles e dos outros. Daí começa a discussão em torno da polêmica conversão dos índios, com a primeira fala de Gonçalo.

Por demais hé trabalhar com estes; são tão bestiais, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão tão encarniçados em matar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar; pregar a estes, hé pregar em deserto ha pedras. (Hansen, 2010, p. 144)

O índio é rotulado como um ser bestial que só pensa em matar e comer, uma referência ao canibalismo ou antropofagia. Diante desta constatação, a pregação era vista como um ato infrutífero – “pregar a estes, hé pregar em deserto ha pedras” (Hansen, 2010, p. 144). Em seguida, a resposta de Nogueira apresentava duas razões que dificultavam a conversão do índio, a falta de um rei e de um objeto de adoração.

Se tiveram rei, poderão-se converter, ou se adoraram alguma cousa; mas, como nam sabem que cousa hé crer nem adorar, não podem entender ha pregação do Evangelho, pois ella se funda em fazer crer e adorar a hum soo Deus, e a esse só servir; e como este gentio nam adora nada, nem cree nada, todo o que lhe dizeis se fica nada. (Hansen, 2010, p. 144)

Os interlocutores concordavam que a principal barreira à conversão era a inconstância dos índios, demonstrada nas palavras de Nogueira ao utilizar o exemplo do anzol.

Huma cousa tem estes pior de todas, que quando vem à minha tenda, com hum anzol que lhes dê, os converterei a todos, e com outros os tornarei a desconverter, por serem inconstantes, e não lhes entrar a verdadeira fee nos coraçõis. (Hansen, 2010, p. 144)

A inconstância é traduzida pelo evangelho segundo Mateus: “Não dêem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos; caso contrário, estes as pisarão e, aqueles, voltando-se contra vocês, os despedaçarão” (Bíblia, 2000, Mt 7.6). Nogueira disse que “são cães em se comerem e matarem, e são porcos nos vícios e na maneira de se tratarem” (Hansen, 2010, p. 144). Toda esta descrição negativa do indígena era o motivo pelo qual os padres estavam resfriados ou, noutras palavras, desestimulados e sem o entusiasmo inicial da missão: “e esta deve ser a razão porque alguns Padres que do Rreino vierão os vejo resfriados,



porque vinhão cuidando de converter a todo brasil em huma hora, e vem-se que não podem converter hum em hum ano por sua rudeza e bestialidade” (Hansen, 2010, p. 144).

Diante da perda do entusiasmo no trabalho de catequização, criou-se uma discussão em torno da fé dos padres, a qual remete, novamente, ao tema da inconstância, evidenciada num exemplo dado pelo próprio Gonçalo que disse ter criado um índio desde pequeno e pensava tê-lo transformado num bom cristão, mas, para sua surpresa e decepção, o abandonou, fugindo para junto dos outros índios. Esta atitude, tida como gesto de ingratidão, fazia o padre duvidar da capacidade do índio de submeter-se à fé católica. Ouvidas tais palavras, Nogueira pergunta a Gonçalo se há outros motivos que o fazem desconfiar que os padres não farão fruto nestas gentes. Gonçalo apresenta o que para ele era a maior dificuldade enfrentada naquela relação entre o catequizador e o caquetizando: os índios diziam três palavras com muita facilidade *pa*, “sim”, *aani*, “não”, e *neim tia*, “já vou”; mas, com a mesma facilidade mudavam de opinião e alternavam a utilização das palavras.

Assim, tendo analisado as falas iniciais, percebemos que a *inconstância* do indígena foi o estopim para o desenvolvimento do *Diálogo*. No mais, essa inconstância era tema presente em toda a literatura jesuítica desde a chegada da *Companhia de Jesus* em 1549, e se traduzia na dificuldade da conversão do índio ou na incapacidade da alma selvagem cristalizar em si mesma os princípios cristãos. Eduardo Viveiros de Castro escreveu:

...o gentio do país era exasperadoramente difícil de converter. Gente receptiva a qualquer figura, mas impossível de configurar, os índios eram – para usarmos um símile menos europeu que a estátua de murta – como a mata que os agasalhava, sempre pronta a se refechar sobre os espaços precariamente conquistados pela cultura. A inconstância é uma constante da equação selvagem. (Viveiros de Castro, 2002, p. 184, 185, 187)

Segundo nossa compreensão das palavras de Viveiros de Castro, transformar o índio em um cristão semelhante ao cristão português era quase uma utopia. Na recepção da mensagem cristã pelo o nativo gerava-se uma falsa esperança no jesuíta, pois se observava uma rápida aceitação da mesma que não se confirmava através de uma vivência religiosa compatível com a fé católica no abandono daquelas práticas pagãs e abomináveis por eles cometidas, como, por exemplo, o canibalismo. Ou seja, o índio “convertido” não se desapegava de suas práticas, hábitos e cultura; não se conformava ao estilo de vida do colonizador; e, de certa forma, agregava coisas da fé cristã à sua própria fé nativa, gerando, o que mais tarde, foi classificado como sincretismo religioso.

Em meio a esta atmosfera desmotivante provocada pela instabilidade do índio nas questões concernentes à fé católica, a obra prossegue com o debate entre os dois religiosos, tentando encontrar argumentos que mantivessem inabaláveis os padres jesuítas no cumprimento da missão evangelizadora que lhes fora confiada.

O índio era *bestial, gentio e negro*, classificações que o inferiorizavam diante do colonizador *civilizado, cristão e branco*; porém, este mesmo índio deveria ser amado pelos padres, assim como o amor de Deus era a fonte motivadora dos missionários jesuítas no árduo trabalho com os nativos. Gonçalo Alvarez pergunta: “Dizei-me, Irmão Nogueira, esta gente são próximos?” (Hansen, 2010, p. 149). Esta pergunta remete e fundamenta-se na conhecida parábola do *Bom Samaritano*, segundo o Evangelho de Lucas.

25 Certa ocasião, um perito na lei levantou-se para pôr Jesus à prova e lhe perguntou: “Mestre, o que preciso fazer para herdar a vida eterna?” 26 “O que está escrito na Lei?”, respondeu Jesus. “Como você a lê?” 27 Ele respondeu: “ “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento” e “Ame o seu próximo como a si mesmo”. 28 Disse Jesus: “Você respondeu corretamente. Faça isso, e viverá”. 29 Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: “E quem é o meu próximo?” 30 Em resposta, disse Jesus: Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto. 31 Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. 32 E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. 33 Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele. 34 Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. 35 No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e lhe disse: “Cuide dele. Quando eu voltar lhe pagarei todas as despesas que você tiver”. 36 “Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” 37 “Aquele que teve misericórdia dele”, respondeu o perito na lei. Jesus lhe disse: “Vá e faça o mesmo”. (Bíblia, 2000, Lc 10.25-37)

Hansen afirma que “a questão é teológico-política. Gonçalo quer saber se os índios são homens e se é aplicável a eles o mandamento “Amai-vos uns aos outros como vos amei”. Nogueira responde literalmente, entendendo “próximo” como “perto no espaço”. Diz que sim, acrescentando: ‘Porque nunca me acho senão com eles’” (Hansen, 2010, p. 128). Determinar o índio como *próximo*, na acepção bíblica da palavra, era colocá-lo no mesmo patamar dos

outros homens e, conseqüentemente, concordar que o indígena é possuidor de alma e que, portanto, merece a chance da salvação.

*Nogueira:* – Bem! Se elles não são homens, não serão proximos, porque soos os homens, e todos, maos e boons, são proximos. Todo o homem hé huma mesma natureza, e todo pode conhecer a Deus e salvar sua alma, e este ouvi eu dizer que era proximo. (Hansen, 2010, p. 149)

Uma vez considerado *próximo*, o índio era, igualmente, aos olhos dos jesuítas como uma *ovelha perdida* a quem deveriam buscar incansavelmente, mesmo que tivessem que morrer na demanda.

*Nogueira:* – Muitas vezes, ou quasi sempre, entre meus Irmãos se fala disso, e vós bem o sabeis, pois sois de casa. Cada hum fala de seu officio, e como elles não tem outro, senão andar trás esta ovelha perdida, sempre tratão dos inpedimentos que achão pera a trazer. (Hansen, 2010, p. 149)

A parábola da *Ovelha Perdida*, registrada no Evangelho segundo Lucas, mostra exatamente a disposição do seu dono em procurá-la até que seja encontrada, sem que pudesse considerar o fato de dá-la por perdida, uma vez que contava ainda com um rebanho de noventa e nove cabeças.

3 Então Jesus lhes contou esta parábola: 4 "Qual de vocês que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma, não deixa as noventa e nove no campo e vai atrás da ovelha perdida, até encontrá-la? 5 E quando a encontra, coloca-a alegremente sobre os ombros 6 e vai para casa. Ao chegar, reúne seus amigos e vizinhos e diz: 'Alegrem-se comigo, pois encontrei minha ovelha perdida'. 7 Eu lhes digo que, da mesma forma, haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam arrepender-se". (Bíblia, 2000, Lc 15.3-7)

Entretanto, esta *ovelha perdida* vista como *próximo* que necessitava da misericórdia do jesuíta, a fim de encontrar a salvação de sua alma, embora fosse considerada um ser racional, era carente de inteligência, o que lhe impossibilitava a conversão. Essa deficiência, superficialmente falando, estava vinculada a uma característica humana comum a todos os povos em determinadas épocas de sua história. A causa da referida carência que já foi de

outros e agora era identificada nos índios, de acordo com o pensamento jesuíta, estava relacionada ao pecado original da humanidade, que fazia com que os homens fossem assemelhados às bestas, caracterizados por uma bestialidade natural.

*Gonçalo Alvares:* – Pois [se] assim hé, que todos temos huma alma e huma bestialidade naturalmente, e sem graça todos somos huns, de que veyo estes negros serem tão bestiais, e todas as outras gerações, como os romanos, e os gregos, e os judeus, serem tão discretos e avissados?

*Nogueira:* – Esta hé boa pergunta, mas clara está a resposta. Todas as gerações tiverão tão bem suas bestialidades: adoravão pedras e paos, dos homens íazião deuses, tinham credito em feitiçarias do diabo”, outros adoravão os bois e vaquas, e outros adoravão por deus aos ratos e outras inmundicias; e os judeus, que erão a gente de mais rezão que no mundo avia, e que tinha conta com Deus, e tinham as Escripturas des ho começo do mundo, adorarão huma bezerra de metal, e não os podia Deus ter que não adorassem os Ídolos e lhes sacrificavão seus próprios filhos, não olhando as tantas maravilhas que Deus fizera por elles, tirando-os do captiveiro de Faraoo. Não vos parece tam bestiais os mouros, a quem Mafamede depois de serem christãos converteo à sua bestial secta, como estes? Se quereis quoteijar cousa com cousa, cegueira com segueira, bestialidade com bestialidade, todas achareis de hum jaez, que procedem de huma mesma segueira. Os mouros creem em Mafamede, muito visioso e torpe, e põe-lhes a benaventurança nos deleites da carne e nos vicios, e estes dam credito a hum feiticeiro que lhes põe a bem-aventurança na vingança de seus imigos e na valentia, e en terem muitas molheres. Os romanos, os gregos, e todos os outros gentios, pintão e tem inda por deus a hum idolo, a huma vaqua, a hum galo, estes tem que há deus e dizem que hé o trovão, porque hé cousa que elles acham mais temerosa, e nisto tem mais rezão que os que adorão as rãas ou os galos; de maneira que, se me coteijardes error com error, cegueira com cegueira, tudo achareis mintira, que procede do pai da mentira, mintiroso desd’o começo do mundo. (Hansen, 2010, p. 157, 158)

Feitas as considerações acima, persistia uma dúvida a ser esclarecida. Apesar do índio estar em um patamar onde todos os outros povos já estiveram, havia algo que intrigava os interlocutores do *Diálogo* - os judeus, gregos e romanos, a despeito de suas crenças pagãs e de suas idolatrias, foram portadores de certo distintivo político que compreendia, de um modo geral, o domínio da leitura e da escrita, a filosofia e a ciência; o mesmo não acontecia com o indígena.

*Gonçalo Alvares*: – Bem estou com isso. Mas como são os outros todos mais polidos, sabem ler, escrever, tratão-se limpamente, souberão a filosofia, inventarão as sientias que agora há, e estes nunca souberão mais que andarem nus e fazerem huma frecha? Ho que está claro que denota aver [desigual] entendimento em huns e outros. (Hansen, 2010, p. 158)

Qual era a causa desta distinção? A resposta à pergunta é dada por Nogueira:

Não hé essa rezão de homem que anda fazendo brasil no mato, mas estai atento e entenderéis. Terem os romanos e outros gentios mais policia que estes não lhes veio de terem naturalmente melhor emtendimento, mas de terem melhor criação e criarem-se mais politicamente. (Hansen, 2010, p. 158)

O saber elevado dos outros povos não fora provido só pela natureza, mas pelas condições a que o próprio homem encontrava-se submetido, noutros termos, o melhor entendimento que faltava ao índio e se via nos demais homens estava relacionado à melhor criação que estes últimos tiveram. Esta assertiva conduziu os jesuítas a atribuírem a criação dos indígenas a um fator mítico, que retomava a narrativa bíblica do dilúvio no livro do Gênesis:

18 Os filhos de Noé que saíram da arca foram Sem, Cam e Jafé. Cam é o pai e Canaã. 19 Esses foram os três filhos de Noé; a partir deles toda a terra foi povoada. 20 Noé, que era agricultor, foi o primeiro a plantar uma vinha. 21 Bebeu do vinho, embriagou-se e ficou nu dentro da sua tenda. 22 Cam, pai de Canaã, viu a nudez do pai e foi contar aos dois irmãos que estavam do lado de fora. 23 Mas Sem e Jafé pegaram a capa, levantaram-na sobre os ombros e, andando de costas para não verem a nudez do pai, cobriram-no. 24 Quando Noé acordou do efeito do vinho e descobriu o que seu filho caçula lhe havia feito, 25 disse: "Maldito seja Canaã! Escravo de escravos será para os seus irmãos". 26 Disse ainda: "Bendito seja o Senhor, o Deus de Sem! Seja Canaã seu escravo. 27 Amplie Deus o território de Jafé; habite ele nas tendas de Sem, e seja Canaã seu escravo". (Bíblia, 2000, Gn 9.18-27)

Consoante o relato, *Noé*, após o dilúvio plantou uma vinha, bebeu vinho e embriagou-se dentro de sua tenda, e seu filho *Cam*, entrando na tenda de seu pai, viu a sua nudez, coisas que lei daquele tempo proibia. Quando mais tarde, lúcido, *Noé* soube do fato, amaldiçoou esse filho, dizendo que ele, *Cam*, seria escravo dos outros filhos, *Sem e Jafé*. Considerando que a

terra foi repovoada pelos filhos de *Noé*, havia aqueles que acreditavam, com base nessa história, que os povos de origem semita eram descendentes de *Sem*, os indo-europeus descendiam de *Jafé* e os africanos e indígenas de *Cam*, o filho maldito que serviria os seus irmãos; o que significava dizer que os *negros* e os *índios*, eram por natureza inferiores em todos os aspectos e destinados à escravidão pelos outros povos.

*Gonçalo Alvarez*: – Pois como tiverão estes pior criação que os outros e como não lhes deu a natureza a mesma policia que deu aos outros?

*[Nogueira]*: – Isso podem-vos dizer chãmente, falando a verdade, que lhes veo por maldição de seus avoz, porque estes creemos serem descendentes de Chaam, filho de Noé, que descobrio as vergonhas de seu pai bêbedo, e em maldição, e por isso, fiquarão nus e tem outras mais misérias. Os outros gentios, por serem descendentes de Set e Japher, era rezão, pois eram filhos de benção, terem mais alguma vantagem. (Hansen, 2010, p. 159)

Contudo é importante que se frise que o jesuíta não estava argumentando a favor da escravidão do índio, como alguns, naquela ocasião, faziam. Como disse o professor Valmir Medina Riga, especialista em História das Religiões pela Universidade Estadual de Maringá:

Os jesuítas procuravam expor, a partir desse quadro, que todos os homens, indistintamente, eram detentores de igual alma e com um mesmo potencial de entendimento; todavia, a diversificação da criação é que, ao final, acabou levando-os à diferença entre si. Para os jesuítas, enfim, os indígenas encontravam-se, naquele momento, bestial demais para a apreensão de uma fé mais complexa, que lhes era naturalmente bloqueada e exigia-lhes, portanto, um bom entendimento. Mas Deus, em sua complacência, segundo eles, houve por bem dar-lhes uma oportunidade. (Riga, 2013, p. 3)

É importante que digamos que os jesuítas não eram contra a instituição da escravidão em determinadas circunstâncias; contudo, defendiam a liberdade dos índios, em especial os que estavam sob a sua tutela.

#### 4. CONCLUSÃO

A leitura do *Diálogo sobre a Conversão do Gentio* parece revelar-nos uma hesitação, onde o jesuíta buscava redescobrir o sentido e a finalidade de seu trabalho missionário frente a

um público que não lhe oferecia a resposta aguardada, ou seja, a catequização não penetrava no coração inconstante do índio, e isto frustrava a expectativa do catequizador. Contudo, o *Diálogo* partiu de um início incrédulo para uma conclusão que confirmava a necessidade de instruir os nativos na fé cristã, e neste sentido, didaticamente, servia, também, à finalidade de motivar o jesuíta descrente da eficácia de seu trabalho entre os índios, a persistir em sua nobre missão.

Nóbrega reforça a ideia de que os gentios estão predestinados a serem convertidos: “(Dizem que) porque estes gentios não têm rezões e são muito viciosos, têm a porta serrada para a fee naturalmente, **se Deus por sua misericórdia não lha abrisse**” (Hansen, 2010, p. 150). A seguir, Nogueira diz: “E a mi sempre me pareceo este (ser christão) muito bem e melhor caminho, **se Deus assi fizesse**, que outros. Não falemos em seus segredos e potentia e sabedoria que não há mister conselheiros, mas humanamente como homens assi falando, este pareceo o melhor e o mais certo caminho” (Hansen, 2010, p. 152, grifo nosso).

Nas duas expressões condicionais grifadas nas falas acima percebemos, de acordo com a concepção dos clérigos, o desejo divino quanto à conversão do indígena, a quem os jesuítas, como pastores, receberam a incumbência de buscar e trazer para o aprisco divino, sinal da salvação. Assim, o trabalho missionário não resulta da disposição humana, mas das misericórdias divinas, que impulsiona o jesuíta ao encontro do índio. Com esta convicção, a missão deveria ser levada a cabo, pois estava destinada a dar frutos. Vejamos as palavras de Nogueira:

(...) já que avemos de trabalhar com esta gente, seja com muito fervor, o que a todos nos convêm muito, pois segundo a charidade com que trabalharmos na vinha do Senhor, nos pagará quando chamar à tarde os obreiros para lhes pagar seus jornaes, o quais já ouvireis que só derão, não conforme o trabalho e tempo, senão ao fervor, amor e diligentia que se puser na obra. (Hansen, 2010, p. 151)

Dentro do imaginário jesuítico era extremamente relevante a ideia de que eles foram escolhidos para a pregação, e precisavam continuar sendo merecedores de tal escolha divina: “Sabereis como o ofício de converter almas hé o mais grande de quantos há na terra e por isso requere mais alto estado de perfeição que nenhum outro” (Hansen, 2010, p. 161). Desta forma, a tarefa de converter os gentios era uma obrigação para o jesuíta, fosse ele um teólogo-pregador como Gonçalo Alvarez, ou um simples ferreiro como Matheus Nogueira.

Passando ao lado de juízos morais anacrônicos, que cobram dos jesuítas do século XVI a conduta democrática e o discernimento antropológico inexistentes em seu tempo, deve-se dizer que a ação catequética da Companhia de Jesus integra-se *objetivamente* no processo colonialista. Para afirmá-lo, basta considerar que a pacificação de tribos inimigas resistentes à ocupação territorial e a conversão, a subordinação e o controle de seus membros como trabalhadores livres e escravos, colaboram *materialmente* para a fixação e o desenvolvimento da empresa colonial. (Hansen, 2010, p. 17)

Considerando as palavras de Hansen descritas acima, concluímos que os jesuítas tinham uma visão muito particular do índio, baseada em conceitos fortemente teológicos, formada por aspectos positivos e negativos conforme expostos no decorrer deste artigo. Entre os aspectos positivos, estava o fato de encarar os índios como seres humanos, detentores de alma e merecedores da salvação; entre os negativos, o fato de atribuir-lhes uma racionalidade e um nível de entendimento subdesenvolvidos e inferiores aos demais povos, por causa de sua instabilidade e inconstância na fé cristã.

Norteados por esta visão, conscientes ou não, os jesuítas cooperaram com o estabelecimento das políticas portuguesas na nova colônia, uma vez que catequizar as diversas tribos indígenas com a finalidade de convertê-las à fé católica era, igualmente, assemelhar o modo de vida do índio ao modo de vida do português; e, do ponto de vista antropológico é evidente que, por mais bem intencionados que fossem os jesuítas, a colonização com a qual eles colaboraram gerou prejuízos irreparáveis às diversas tribos indígenas que habitavam estas terras tupiniquins, tais como a dizimação de diversas tribos e etnias, bem como sua cultura, além de estigmas que geram preconceitos até hoje, como atribuir ao índio um caráter indolente, desconsiderando seu estilo de vida nada capitalista e consumista, diferente do que se via no colonizador.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional*. São Paulo, SP, Editora Vida, 2000.

CAMINHA, Pero Vaz de. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro. [objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf)

CORDIVIOLA, Alfredo. *Os dilemas da evangelização: Nóbrega e as políticas jesuíticas no Brasil do século XVI*. Diálogos Latinoamericanos, núm. 7, 2003.

HANSEN, João Adolfo. *Manuel da Nóbrega*. Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, Recife, PE. 2010. 180p. (Coleção Educadores)

HANSEN, João Adolfo. *A Sátira e o Engenho - Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. São Paulo, SP, Companhia das Letras, 1989.

HANSEN, João Adolfo. *"A servidão natural do selvagem e a guerra justa contra o bárbaro". A descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo, SP, Companhia das Letras, 1998.

NÓBREGA, Manuel da. *Diálogo sobre a conversão do gentio*. [https://www.ibiblio.org/ml/libri/n/NobregaM\\_ConversaoGentio\\_p.pdf](https://www.ibiblio.org/ml/libri/n/NobregaM_ConversaoGentio_p.pdf)

PAIVA, José Maria. *A doutrina feita aos índios – Brasil, século XVI*. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador, Ponta Grossa, PR.

RIGA, Valdir Medina. *As concepções Jesuíticas acerca do indígena e de sua conversão à fé cristã - Breves considerações a partir da obra "Diálogo sobre a conversão do gentio"*. Campinas, SP, Revista Eletrônica História e História - UNICAMP, 2013.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. *"O índio como selvagem, 'o diálogo da conversão dos gentios' e a memória"*. Projeto História PUC-SP - Revista do programa de estudos pós-graduados de História. São Paulo, SP, vol. 20, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo, SP, Cosac & Naify, 2002.